



# A LUTA CORPORAL

# PREFÁCIO

## MIGUEL CONDE

---

---

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2017 by Ferreira Gullar

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa e projeto gráfico*

Elaine Ramos

*Preparação*

Livia Deorsola

*Revisão*

Marina Nogueira

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

---

Gullar, Ferreira, 1930-2016

A luta corporal / Ferreira Gullar ; prefácio de  
Miguel Conde. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das  
Letras, 2017.

ISBN 978-85-359-2864-8

1. Poesia brasileira I. Conde, Miguel. II. Título.

---

17-00661

CDD-869.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira 869.1

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](http://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](http://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/ciadasletras](http://twitter.com/ciadasletras)

11 **Prefácio**  
Miguel Conde

29 **As ásperas primaveras**  
Ferreira Gullar

33 **A LUTA CORPORAL  
(1950-1953)**

- 35 **Sete poemas portugueses**
- 37 Três
  - 38 Quatro
  - 39 Cinco
  - 40 Seis
  - 41 Sete
  - 42 Oito
  - 43 Nove
  - 44 O anjo
  - 46 Galo galo
  - 49 A galinha

---

51 **O mar intacto**

53 P.M.S.L.

55 O trabalho das nuvens

58 As peras

60 A avenida

---

63 **Um programa de homicídio**

65 Carta do morto pobre

---

73 **O cavalo sem sede**

75 Os reinos inimigos

76 Os jogadores de dama

77 Ninguém sabe em que  
território de fogo

78 Um abutre no ar violento  
do quarto

79 Quando espanquei  
o garoto ossudo

80 Agora quis descer,  
e não havia chão

81 Os da terra

82 Vieste, Harry, Joe ou John

- 83 Os seres riem num espaço de luzes concisas  
84 O abismo da verdura  
85 Aqui sentou-se o som, o opaco, som; aqui?  
86 Deixa, os velhos soldados já estão secos  
87 Eu habitante do vento

---

**89 As revelações espúrias**

- 91 Carta ao inventor da roda  
93 Carta de amor ao meu inimigo mais próximo  
94 *The Sky Above Us*  
95 Denúncia ao comissário de bordo  
97 Falsas confidências a um cofre de terra apreendido em Oklma  
100 Machado  
103 Os ossos do soluço  
104 O soluço, a impersistência de Quéops

- 
- 105 **A fala**
- 107 As crianças riem no esplendor  
das frutas, Vina
- 108 Falemos alto. Os peixes  
ignoram as estações e nadam
- 109 O culto do sol perdeu os  
homens; os restos de suas  
asas
- 110 Esta linguagem não canta  
e não voa
- 111 O teu mais velho canto
- 112 Fora, é o jardim, o sol — o  
nosso reino
- 113 Um fogo sem clarão queima  
os frutos
- 114 Um fogo sem clarão cria os  
frutos deste campo
- 119 Movimento — tão pouco é o ar
- 120 As cavernas jamais tocadas
- 121 O mito nos apura

- 122 Chão verbal  
123 Flores diurnas, minhas feras  
124 Sobre a poeira dos abraços  
125 Na minha irascível pátria  
126 As rosas que eu colho  
127 Aranha  
128 O quartel  
129 O arsenal  
134 Cerne claro, cousa  
135 Há os trabalhos e (há) um  
sono inicial  
136 Roçzeiral  
140 O inferno  
145 Finda o meu sol  
147 Negror n'origens
- 

151 **Sobre o autor**

---

**A LUTA  
CORPORAL  
(1950-1953)**

---

**SETE POEMAS  
PORTUGUESES**

Vagueio campos noturnos  
Muros soturnos  
paredes de solidão  
sufocam minha canção

A canção repousa o braço  
no meu ombro escasso:  
firmam-se no coração  
meu passo e minha canção

Me perco em campos noturnos  
Rios noturnos  
te afogam, desunião  
entre meus pés e a canção

E na relva diuturna  
(que voz diurna  
cresce cresce do chão?)  
rola meu coração

Nada vos oferto  
além destas mortes  
de que me alimento

Caminhos não há  
Mas os pés na grama  
os inventarão

Aqui se inicia  
uma viagem clara  
para a encantação

Fonte, flor em fogo,  
que é que nos espera  
por detrás da noite?

Nada vos sovino:  
com a minha incerteza  
vos ilumino

Prometi-me possuí-la muito embora  
ela me redimisse ou me cegasse.  
Busquei-a na catástrofe da aurora,  
e na fonte e no muro onde sua face,

entre a alucinação e a paz sonora  
da água e do musgo, solitária nasce.  
Mas sempre que me acerco vai-se embora  
como se me temesse ou me odiasse.

Assim persigo-a, lúcido e demente.  
Se por detrás da tarde transparente  
seus pés vislumbro, logo nos desvãos

das nuvens fogem, luminosos e ágeis!  
Vocabulário e corpo — deuses frágeis —  
eu colho a ausência que me queima as mãos.

Calco sob os pés sórdidos o mito  
que os céus segura — e sobre um caos me assento.  
Piso a manhã caída no cimento  
como flor violentada. Anjo maldito,

(pretendi devassar o nascimento  
da terrível magia) agora hesito,  
e queimo — e tudo é o desmoronamento  
do mistério que sofro e necessito.

Hesito, é certo, mas aguardo o assombro  
com que verei descer de céus remotos  
o raio que me fenderá no ombro.

Vinda a paz, rosa-após dos terremotos,  
eu mesmo juntarei a estrela ou a pedra  
que de mim reste sob os meus escombros.

Neste leito de ausência em que me esqueço  
desperta o longo rio solitário:  
se ele cresce de mim, se dele cresço,  
mal sabe o coração desnecessário.

O rio corre e vai sem ter começo  
nem foz, e o curso, que é constante, é vário.  
Vai nas águas levando, involuntário,  
luas onde me acordo e me adormeço.

Sobre o leito de sal, sou luz e gesso:  
duplo espelho — o precário no precário.  
Flore um lado de mim? No outro, ao contrário,  
de silêncio em silêncio me apodreço.

Entre o que é rosa e lodo necessário,  
passa um rio sem foz e sem começo.

Quatro muros de cal, pedra soturna,  
e o silêncio a medrar musgos, na interna  
face, põe ramos sobre a flor diuturna:  
tudo que é canto morre à face externa,  
que lá dentro só há frieza e furna.

Que lá dentro só há desertos nichos,  
ecos vazios, sombras insonoras  
de ausências: as imagens sob os lixos  
no chão profundo de osgas vis e auroras  
onde os milagres são poeira e bichos;

e sobretudo um tão feroz sossego,  
em cujo manto ácido se escuta  
o desprezo a oscilar, pêndulo cego;  
nada regula o tempo nessa luta  
de sais que ali se trava. Trava? Nego:

no recinto sem fuga — prumo e nível —  
som de fonte e de nuvens, jamais fluis!  
Nem vestígios de vida putrescível.  
Apenas a memória acende azuis  
corolas na penumbra do impossível.

Fluo obscuro de mim, enquanto a rosa  
se entrega ao mundo, estrela tranquila.  
Nada sei do que sofro.

O mesmo tempo  
que em mim é frustração, nela cintila.

E este por sobre nós espelho, lento,  
bebe ódio em mim; nela, o vermelho.  
Morro o que sou nos dois.

O mesmo vento  
que impele a rosa é que nos move, espelho!

## **O anjo**

O anjo, contido  
em pedra  
e silêncio,  
me esperava.

Olho-o, identifico-o  
tal se em profundo sigilo  
de mim o procurasse desde o início.

Me ilumino! todo  
o existido  
fora apenas a preparação  
deste encontro.

## **2**

Antes que o olhar, detendo o pássaro  
no voo, do céu descesse  
até o ombro sólido  
do anjo,  
criando-o  
— que tempo mágico  
ele habitava?

**3**

Tão todo nele me perco  
que de mim se arrebentam  
as raízes do mundo;  
tamanha  
a violência de seu corpo contra  
o meu,  
que a sua neutra existência  
se quebra:  
e os pétreos olhos  
se acendem;  
o facho  
emborcado contra o solo, num desprezo  
à vida  
arde intensamente;  
a leve brisa  
faz mover a sua  
túnica de pedra

**4**

O anjo é grave  
agora.  
Começo a esperar a morte.